



PASSEMOS PARA OUTRA MARGEM

Projeto: Padres para a Igreja em Santa Catarina

1. “É isto que o Espírito diz à Igreja!”

*“Cada palavra do evangelho é como uma semente lançada no terreno da nossa vida”
(Papa Leão XIV).*

“Está em crise? Leia o Apocalipse!” Parece frase feita, tipo aquelas de livros de autoajuda. Não é esta a minha intenção. E não quero deixar esta impressão. Talvez alguém possa dizer de mim o que disseram de Jesus: *“Ele está fora de si!”*¹ Mas, o que gostaria de deixar registrado aqui, inicialmente, é esta minha convicção: *“É isto o que o Espírito diz às Igrejas”* (Ap 2,7.11.17.29;3,6.13.22). Creio que todos já ouvimos esta revelação. Nós que vivemos no século XXI, temos que admitir que o mundo e a Igreja passam por profundas e severas crises virais, existenciais e geográficas, de dimensões globais. A situação existencial atual, de ambos, não é boa e nem o futuro é promissor. E a prova destas crises são as constantes e frequentes “trocas de gentilezas” entre ambas: *“a Igreja está em crise por causa do mundo”*; *“o mundo está em crise por conta da Igreja”*. Trata-se, pois, de uma crise de identidade². A pós-pandemia da Covid-19 fez vir à luz um mal-estar que se traduz como falta de clareza de nossa identidade, pessoal, social e eclesial. Nós não sabemos mais o que somos, o que temos e nem o que queremos ser. Em contrapartida, sabemos muito bem o que queremos ter: riqueza, prazer e poder. São aquelas velhas tentações repaginadas (Lc 4,1-13; 14,15-20)³. Fato é que estamos nos privando de ideais espirituais maiores do que os meros interesses humanos particulares.

Qual é a saída para um mundo e para uma Igreja, em crise e sem saída? O encontro pessoal com Jesus Cristo⁴. O Papa Paulo VI,⁵ disse que *“Cristo é o nosso ponto de partida, nossa esperança e nossa meta”*. E o Papa Leão XIV, que apenas começou o seu ministério petrino, disse: *“Queremos dizer ao mundo, com humildade e alegria: olhai para Cristo! Aproximai-vos d’Ele. Acolhei a sua Palavra que ilumina e consola. Escutai sua proposta de amor para vos tornardes a sua única família. No único Cristo somos um”*⁶. No Apocalipse, Jesus é apresentado, ao menos, com treze imagens icônicas⁷. Aqui eu gostaria de sugerir

¹ Escrevi um artigo sobre esta temática, intitulado de: **Vocação: “estar fora de si?”**, publicada na Revista Encontros Teológicos, Florianópolis, Maio-Agosto, 2023, V. 38, N. 2, P. 425-449: <https://doi.org/10.46525/ret.v38i2.1778>. Postado também em meu blog: dompedrobrito.com.br

² Vito Mancuso, A proposito del senso della vita, Milano, Garzanti 2020.

³ Comprei um terreno: poder (Lc 14,18); comprei juntas de boi: riqueza (Lc 14,19); casei: prazer (Lc 14,20).

⁴ Documento de Aparecida, 28-29, 99,145,147,243-251ss,278,548-549.

⁵ Papa Paulo VI, no seu discurso de abertura do segundo período de sessões do Concílio, em 29 de setembro de 1963.

⁶ Papa Leão XIV, na Basílica de São Pedro, no Vaticano, na missa de abertura de seu pontificado, em 18/05/2025,

⁷ As outras imagens da experiência mística de São João são: Uma voz forte, como de trombeta (v.10); Andando no meio dos sete candeeiros de ouro (v.13); Alguém semelhante a filho de homem (v. 13); Vestido com uma



Dom Pedro Brito Guimarães

- Arcebispo Metropolitano de Palmas -

apenas a contemplação de Jesus, Alfa e Ômega: *“Eu sou o Primeiro e Último, aquele que vive. Estive morto, mas agora estou vivo pelos séculos dos séculos. Eu tenho a chave da Morte e do Hades”* (Ap 1,17-18). Como dizem os místicos e os contemplativos: não somos nós que olhamos para um ícone, é a ícone que olha para nós. Então, deixemo-nos ser olhados por ela.

Concentro aqui minha atenção apenas nas Cartas às sete Igrejas⁸. Nelas é sempre Cristo que fala em primeira pessoa. Ele se dirige à sua Igreja, a julga, a purifica e a santifica com as suas palavras. Esta mensagem dirigida a cada uma das Igrejas tem um alcance geral e perene: é dirigida à totalidade (sete) das Igrejas. Inclusive à Igreja da Bela e Santa Catarina. No septenário das mensagens das Cartas às Igrejas, Jesus Cristo é o centro e as comunidades destinatárias estão dispostas, em círculo, em torno de Jesus, que se dirige a cada uma delas, especificamente para que todas as outras Igrejas O escutem. A estrutura literária das Cartas possui seis pontos, a saber: 1. Destinatário: *“ao Anjo...”* 2. Auto apresentação de Jesus: *“Assim fala Aquele que...”* 3. Juízo e avaliação de Jesus sobre a comunidade: *“Sei, conheço as tuas obras...”* 4. Exortação particular constituída pelo primeiro imperativo, depois do juízo: a) *“Recorda-te”* (2,5); b) *“Não tenhas medo de nada”* (2,10); c) *“Converte-te, pois...”* (2,16); d) *“O que tendes, segurai-o firmemente”* (2,25); e) *“Torna-te vigilante e consolida”* (3,2); f) *“Segura com firmeza o que tens”* (3,11); g) *“Tenha um amor zeloso e converte-te”* (3,19). 5. Promessa ao vencedor: *“Ao vencedor darei...”* 6. Exortação geral: *“Quem tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às Igrejas”* 2,7.11.17.29;3,6.13.22).

E, finalmente, as mensagens contidas nas Cartas têm um esquema literário recorrente e elementos que se repetem por sete vezes. Para o autor do Apocalipse, tal repetição tem uma dupla finalidade: a) Enquadrar solidamente os elementos fundamentais da relação interior entre Jesus que fala e cada uma das comunidades que escuta; b) E tornar todas as Igrejas que escutam capazes de colaborar efetivamente com Ele na superação do mal e no enraizamento do bem a ser realizado na história da humanidade. Portanto, vale reforçar que se trata de uma mensagem septiforme, enquanto toca na situação vivida e concreta das comunidades, porque tende a abraçar todas as comunidades e também as Igrejas de todos os tempos.

Por fim, o Espírito fala a todas, depois que cada uma escutou a mensagem específica e acolheu o próprio imperativo que visa transformá-la. A mensagem é endereçada ao Anjo da Igreja, mas o discurso diz respeito à Igreja toda, inclusive à Igreja de Santa Catarina. Anjo e Igreja, sob esse aspecto, coincidem, se equivalem e interagem. A Igreja, entendida na sua estrutura concreta, com os seus problemas, suas luzes e suas sombras, está na mão de Jesus Cristo, que a purifica e a habilita para escutar o Espírito. O Espírito fala às Igrejas através da mensagem que o autor transmite a elas.

túnica cumprida (v. 13); Com uma faixa de ouro à altura do peito (v.13); Sua cabeça e seus cabelos eram brancos como lã alvejada, igual à neve (v. 14); Seus olhos eram como chama de fogo (v. 14); Seus pés eram semelhantes ao bronze quando sai brilha no forno (v. 15); Sua voz era como a voz de águas torrenciais (v. 15); Tinha sete estrelas na sua mão direita (v. 16); De sua boca saía uma espada afiada, de dois gumes (v. 16); E seu rosto era como sol brilhando com fulgor (v. 16).

⁸ Texto de inspiração, escrito pelo padre Carlos Alberto Contieri SJ, pregador do meu retiro inaciano, em janeiro de 2025, em Itaici.



Portanto, como já afirmei, anteriormente, tempo de crise é tempo para uma boa leitura do Apocalipse. Ele é o Livro do Cordeiro Imolado, o Vivente e o Vencedor e é também o Livro da consolação e da esperança cristãs. Em todas as formas e em todas as fases das crises, Cristo é o Vencedor. Quaisquer Projetos de quaisquer Igrejas, Jesus Cristo é a solução e a salvação.

O que realmente o Espírito Santo está dizendo à Igreja de Santa Catarina?

2. O “Ot” profético vocacional de Jesus

“A palavra de Jesus é para todos. A sua palavra fascina e intriga” (*Papa Leão XIV*).

Jesus é o *teopoeta*, criador de atos, gestos, ações, palavras, frases e poesias, propriamente suas, como as chamadas “*ipsissima verba de Jesus*”. Jesus falava com as suas ações e as explicava com as suas palavras, como na multiplicação dos pães dos peixes e na última ceia (Mt 26,26-28; Jo 13,2-15; 6,22ss). Seus ‘ot simbólicos e proféticos são apreciados, recriados, atualizados e reinterpretados, pelos tempos infintos, no mundo cristão e até no mundo não-cristão. A morte do Papa Francisco, bem como a eleição de Leão XIV, criaram uma verdadeira catarse e mostraram que Jesus e seu evangelho ainda estão vivos e ainda são a “boa-notícia”. E sua Igreja é ainda o “*farol que ilumina as noites escuras deste mundo*”¹⁰.

Já dizia o poeta português, Fernando Pessoa,¹¹ que navegar é mais preciso do que viver. Viver é, no fundo, menos preciso do que navegar em alto mar. E “*é isto o que o Espírito diz às Igrejas*” (Ap 2,7.11.17.29;3,6.13.22). No Documento Final do Sínodo para a Amazônia, há um texto que diz: “*o rio não nos separa, nos une, nos ajuda a conviver entre diferentes culturas e línguas*”¹². Porque “*tudo está estreitamente interligado*”¹³. O rio une e não divide as duas margens. O rio se comunica igualmente, margem direita com a margem esquerda. Khalil Gilbran tem um texto, muito bonito, quase como uma cantilena orante: “*Dizem que antes de um rio entrar no mar, ele treme de medo. Olha para trás, para toda jornada que percorreu, para os cumes, as montanhas, para o longo caminho sinuoso que trilhou através de florestas e povoados, e vê à sua frente um oceano tão vasto, que entrar nele nada mais é do que desaparecer para sempre. Mas não há outra maneira. O rio não pode voltar. Ninguém pode voltar. Voltar é impossível na existência. O rio precisa se arriscar e entrar no oceano. Somente ao entrar no oceano o medo irá desaparecer, porque apenas, então, o rio saberá que não se trata de desaparecer no oceano, mas de tornar-se oceano*”.

Os dois evangelistas, Marcos (4,35-41) e Lucas (8,22-24), usaram um ‘ot simbólico e profético de Jesus, tipo aquele das parábolas do tesouro escondido e da pérola preciosa (Mt

⁹ “Ot é a transliteração de uma palavra hebraica que significa “ato”, “gesto” e “ação simbólica e profética” (cf. Brito G., Pedro, Os Sacramentos como atos eclesiais e proféticos. Um contributo ao conceito dogmático de sacramento, à luz da exegese contemporânea, Editrice Pontificia Gregoriana, Tesi Gregoriana, 46, Roma 1998.

¹⁰ Papa Leão XIV, na sacada da Basílica de São Pedro, em Roma, em 08/05/2025.

¹¹ Fernando Pessoa, “Navegar é preciso, viver não é preciso”.

¹² Papa Francisco, Documento Final do Sínodo para a Amazônia, 45.

¹³ Papa Francisco, Carta Encíclica, A alegria do Evangelho, 16.



13,44-45), que o Serviço de Animação Vocacional das Igrejas de Santa Catarina precisa vender tudo e adquiri-lo.

Nossa reflexão girará em torno de cinco pilares deste barco de Jesus, navegando pelas águas (rios, mar, riachos, lagoas e outras fontes de água de superfície) de Santa Catarina:

2.1. A outra margem: O termo “margem”, usado aqui por Jesus, transcrito pelos evangelistas, é considerada uma *ipsissima verba* de Jesus. O tempo cronológico é de final da tarde, a hora do *happy hour*. O final do dia, como nos ensina a Liturgia das Horas, é o tempo que nos remete ao ocaso, ao término do trabalho, à entrada da noite, ao descanso e à morte. E nos lembra a imagem do Cristo orante, nas caladas das noites. Nas vésperas refletimos sobre a luz, que é o próprio Deus, que vai deixando espaço à esperança, ao agradecimento a Deus e ao pedido de perdão, com esta certeza: “*Já não será o sol a tua luz durante o dia, nem a claridade da lua será a tua luz durante a noite, porque o Senhor será a tua luz eterna*” (Is 60,19; Ap 21,23.25).

No final do dia, encerramento do expediente missionário, Jesus desafia os apóstolos a irem à outra margem. Qual é a outra margem? Outra margem, do quê, por que e para quê? A outra margem é a Traconídite, terra estranha, dos pagãos. Jesus convida os discípulos a saírem da terra conhecida e habitada e a irem à terra desconhecida, onde habitam estranhos e pagãos. Deus está também na outra margem. Deus está em todos os lugares, inclusive naqueles, nos quais achamos ou não queremos que Ele esteja. Deus habita também nas margens dos pagãos. Deus não é um Deus localizado geograficamente. Em qualquer lugar em que estivermos, estaremos sempre na janela da casa do nosso Deus (Sl 138). Diz um Padre da Igreja que um dos maiores pecados do mundo é a “*inveja e o ciúme de Deus*”.

O que nos vem em mente quando ouvimos Jesus dizer: “*passemos para outra margem?*” Para qual margem devemos navegar e nos locomover para viver plenamente a nossa vocação e nossa missão em uma Igreja sinodal de comunhão, participação e missão? Quais são os nossos maiores medos e maiores temores pastorais, vocacionais e missionários? Entendamos e vivemos este Projeto Vocacional como o passar de uma margem para a outra, mesmo tendo que enfrentar os desafios e os perigos de seus mares? Rezemos para que a calmaria da brisa suave que Jesus promoveu aos seus discípulos chegue até nós.

2.2. O barco: Jesus está com seus discípulos na margem do Mar da Galileia, conhecida e familiar de seus discípulos. Tudo normal quando estamos num ambiente conhecido e familiar. O tempo é o cair da tarde, à noitinha. Jesus despede a multidão e embarca com os discípulos. O vento balança o barco. As águas entram no barco. E o barco está para naufragar.

Este mandato de Jesus é comumente interpretado como um convite para a mudança, para sair da zona de conforto e para o enfrentamento de novos desafios, com fé, coragem e esperança. O que tem de importante e de novidade, nesta outra margem, que é preciso atravessá-la de barco? Que barco é este? Há, neste texto, um plural majestático, no qual Jesus se inclui. Ele também está na cena desta travessia para a outra passagem. Ele participa do processo, das relações e dos vínculos que esta travessia propõe. Ele é Mestre neste tipo de



travessia. É bom saber que Jesus atravessa o mar com seus discípulos. Ele não somente ordena. Ele se inclui. Do contrário, a travessia não terminaria bem. O que isto significa? Significa que a Igreja não é nossa. É de Jesus. A Igreja é o barco de Jesus. Ou de Pedro. E a missão é a travessia. Jesus é condutor principal. O barco é o instrumento de Jesus para as nossas travessias.

Este é um *‘ot* simbólico e profético, como um recurso que Jesus utilizou para conduzir seus discípulos para a outra margem. Deus sempre nos oferece um barco para a nossa missão. Mas só teremos êxitos na nossa travessia se contarmos com a companhia de Jesus.

2.3. A travessia e a tempestade: O mandato vocacional para irem a outra margem é de Jesus. Parece claro que os apóstolos não queriam fazer esta travessia. Psicologicamente a tempestade parece justificar esta minha intuição. Quando não queremos fazer algo transformamos em uma gota d’água em tempestade. A tempestade são os desafios e as dificuldades que enfrentamos na vida e na missão. Esta é, sem dúvida, a alusão teológica à Igreja em saída, do Papa Francisco, com suas periferias existenciais e geográficas. O mandato e o comando vocacional-missionário é Jesus. Nossa missão é ouvi-Lo e segui-Lo.

Seguir e obedecer a Jesus não significa ausência de problemas. Às vezes, é exatamente o contrário. Por vezes, os mares se agitam e as ondas se encrespam. A missão comporta muitos desafios e perigos: caras feias e portas fechadas (Lc 10,10-11); demônios, serpentes, venenos, doenças e enfermidades (Mc 16,17-18), com perseguições (Mc 10,29-30). Como reagir às tempestades? Os discípulos reagiram com medo e desespero. E nós, como reagirmos? Aparecida sugere três tipos de audácias: a audácia missionária; a audácia evangelizadora e a audácia apostólica¹⁴. Acrescento: a audácia vocacional.

2.4. Os discípulos: Com toda certeza os apóstolos não queriam fazer esta travessia. Fizeram por pura obediência a Jesus. E se deram mal. Jesus disse à multidão os motivos pelos quais ela o procurava (Jo 6,26-28). Com certeza, Ele disse isto aos seus discípulos. Jesus é um exímio estigador e atravessador de margens. Um verdadeiro navegador. Não é à toa que existe a devoção a Bom Jesus dos Navegantes. Os seus primeiros discípulos foram “pescados” ou capturados na praia do Lago de Tiberíades ou de Genesaré (Mt 4,18-21).

Os discípulos eram pescadores, acostumados a enfrentar exteriormente o mar. Por que tiveram medo? Este é o mar existencial em que eles ainda não possuem experiência suficiente para dominá-lo. Ficaram com medo diante da tempestade, não programada, que se abateu sobre o barco. Jesus programou bem esta viagem? Não colocou em perigo a vida de seus discípulos? Ou ele estava provocando seus discípulos? Eles estão em apuros e fragilizados. E apelam para Jesus, no desespero. É preciso usar fraquezas como sendo forças.

No final deste pequeno texto, os evangelistas registram que os discípulos ficaram admirados, encantados e assustados com o que presenciaram: *“quem é este que até o vento e o mar obedecem”*? Saboreemos esta paz do Mar da Galileia nas nossas vidas. Sintamos nos

¹⁴ Documento de Aparecida: audácias missionárias (11, 251 e 273); audácias evangelizadoras (n. 549); e audácias apostólica (n. 552).



tocar a brisa suave da presença de Jesus nas nossas vidas. Calemos diante desta cena desafiadora e peçamos a Jesus: *“acalme, Jesus, o vento e o mar das nossas dificuldades e ansiedades vocacionais!”* Repitamos quantas vezes forem necessárias.

2.5. Jesus adormecido: Jesus é um exímio criador de ‘ot proféticos. Pode parecer uma metáfora. Que seja. Não importa. O que importa é que, às vezes, somos, nós que adormecemos Jesus quando somos uma Igreja sem ânimo, sem unção, sem mística e sem criatividade, no Espírito. Jesus dorme quando somos autossuficientes e O descartamos. Quando isto acontece, as tempestades encontram passe livre para se manifestar.

Enquanto atravessavam, houve uma tempestade e o barco quase naufraga. Jesus dorme como se nada estivesse acontecendo. Os discípulos morrem de medo e Jesus dorme no traseiro do barco. Que Jesus é este? Que companheiro é este? Que Salvador é este? Depois de muita insistência, os apóstolos conseguem acordá-Lo. E perguntam-lhe: *“Mestre, por que não te importa que pereçamos” (Mc 4, 38)?* Será que Jesus, de fato, não se importa?

Não era um passeio? Não era uma missão? Ou era somente uma mudança de margem? Sabe que cena é esta? Já vivemos experiências parecidas? O que fazemos quando Jesus dorme e o barco da missão está para naufragar? Quem comanda o barco de nossa vida e de nossa missão? O acaso, a distração? No trabalho de animação vocacional, como e quando despertamos Jesus? Com a oração pelas vocações. Lembremo-nos, pois, que rezar pelas vocações não é lembrar ao um Deus distante, esquecido ou indiferente de que precisamos de vocação. É exatamente o contrário. É lembrar-nos. Nós é que, às vezes, estamos distantes, esquecidos e indiferentes. É isto o que afirma esta pérola vocacional: *“toda vocação é graça sua”*.

O silêncio de Jesus é obsequioso. Quando Jesus ordena silêncio, o mar O obedece. Ele restabelece a paz da travessia. Tudo se faz calma e vira silêncio. Como se chama esta hora? A hora da desolação, do vazio e do silêncio de Deus. Esta é a hora da passagem da desolação à consolação. O silêncio de Deus é oração. Somos mais do silêncio ou mais do barulho? Às vezes, Jesus parece estar longe, dormindo, distante de nós. Os medos e as crises interiores são maiores e piores do que os medos e as crises exteriores. Provocam inseguranças e crises de fé e vocacional. Muitos desistem aqui. Abandonam o barco.

A cena desta travessia, na qual o barco afunda e Jesus dorme, é muito parecida com a da travessia de Jonas, fugindo da missão para Tarsis (Jn 1,4-16). Realmente, os ventos impetuosos despedaçam as naus de Tarsis (Sl 47,8). Nesta cena, Jonas também dormia durante a tempestade, enquanto os marinheiros, que eram pagãos, invocam seus deuses, Jonas, o único que cultuava o Deus verdadeiro, dormia. Os marinheiros foram mais dóceis à voz de Deus do que Jonas, o seu profeta. Jesus deixou o sinal de Jonas a quem lhe pedia um sinal. Jesus, no entanto, é maior do que Jonas (Mt 12,38-41).

Qual é o ‘ot profético, simbólico que Jesus está mostrando à Igreja de Santa Catarina?



3. Padres para a Igreja de Santa Catarina

“A palavra de Deus fecunda e suscita cada realidade” (Papa Leão XIV).

Li brevemente, com interesse, o audacioso Projeto Vocacional que os senhores e as senhoras estão elaborando para as Igrejas de Santa Catarina. Percebi que ele possui as suas inspirações e manifesta a corresponsabilidade das Igrejas Locais para serem uma sinfonia das vocações. Às vezes, nos acomodamos diante das facilidades da vida ou nos acovardamos diante de suas dificuldades. Barriga cheia parece nos acomodar. Caminhar de barriga cheio é um empecilho. De que Santa Catarina está de barriga cheia? Quais são os obstáculos existenciais, culturais, ambientais, eclesiais e vocacionais que não nos desinstalam? Como estão os barcos dos bispos, dos padres, dos diáconos, dos consagrados e dos leigos? Estão ancorados em que cais?

Existem nas nossas vidas várias margens, conhecidas ou desconhecidas, consideradas ou desconsideradas, constituídas ou desconstituídas, aceitas ou não aceitas, queridas ou recusadas que precisam ser abandonadas. Quem não quiser passar, neste Projeto, para a outra margem, pode ficar na sua margem, conhecida e familiar, mas deve assumir as suas consequências. Toda opção ou decisão tem um preço a ser pago. Toda decisão é uma cisão (*de+cisão*). Ir à outra margem é similar ao agito do mar, ao vendaval e ao naufrágio de um barco. Tudo se volta e se revolta contra quem investe neste cenário. Por causa do pecado do mundo, Jesus deu-nos a sua vida. O preço do pecado é a morte do mensageiro de Deus.

Creio que o Projeto Vocacional do Regional Sul 4 não poderia deixar de ter Jesus como fundamento. Onde Jesus é o centro, ali florirão vocações. Ele é o primeiro promotor vocacional e o criador da oração vocacional (Mt 9,37). A Igreja é dele. Nós somos os seus servos, os trabalhadores de sua vinha. Como os apóstolos podemos dizer a Jesus: *“Mestre, não te importas que pereçamos” (Mc 4, 38)*? Talvez seja este o grito de desespero e de socorro que podemos fazer a Jesus. Certamente não será o único e o possível.

Caros irmãos e irmãs, se me permitem, deixo aqui registrada uma sugestão: para que o Projeto Vocacional das Igrejas de Santa Catarina nasça, floresça e dê frutos, duas atitudes e três olhares são necessários: primeira atitude: **a proximidade**; segunda atitude, **o encantamento**; primeiro olhar: **o olhar amoroso**; segundo olhar, **o olhar cuidadoso**; e terceiro olhar: **o olhar esperançoso**.

Concluo este breve artigo com o Documento de Aparecida que quase termina com esta sentença: *“Conservemos a doce e confortadora alegria de evangelizar (...) não através de evangelizadores tristes e desalentados, impacientes ou ansiosos, mas através de ministros do Evangelho, cuja vida irradia o fervor de quem recebeu, antes de tudo em si mesmos, a alegria de Cristo...”*¹⁵

Passemos para outras margens. Que o Senhor nos abençoe nesta travessia. Amém.

¹⁵ Documento de Aparecida 552.